

O inconsciente não conhece o tempo

THE UNCONSCIOUS DOES NOT KNOW TIME.

Arthur Kelles Andrade

Resumo • Abstract

Abordar o tema do tempo sempre foi um desafio para diversos campos do saber. Ainda que Freud não tenha dedicado um texto específico para esta questão, ele também se propôs a participar da discussão, buscando contribuir a sua própria maneira no desenvolvimento do estatuto da temporalidade para o arcabouço teórico da psicanálise. Diante disto, o presente trabalho tem como objetivo abordar uma importante contribuição freudiana em relação à temporalidade: a atemporalidade do inconsciente. Neste artigo, será discutida a evolução do conceito do inconsciente atemporal no decorrer da obra de Freud, desde o surgimento deste estatuto até suas articulações com o tempo da consciência. Por fim, serão expostas as contribuições lacanianas e de outros psicanalistas sobre este tópico.

Addressing the issue of time has always been a challenge for various fields of knowledge. Although Freud did not dedicate a specific text to this issue, he also proposed to participate in this discussion, seeking to contribute in his own way to the development of the statute of temporality for the theoretical framework of psychoanalysis. In view of this, the present work aims to address an important Freudian contribution in relation to temporality: the timelessness of the unconscious. To this end, we will briefly address how psychoanalysis and other areas of knowledge view the issue of time, addressing the difficulty of signifying this issue within their theoretical assumptions. After this, we will discuss the evolution of the concept of the timeless unconscious throughout Freud's work, from the emergence of this statute to its articulations with the time of consciousness. Finally, we will present the contributions of Lacan and other psychoanalysts on this topic.

Palavras-chave • Keywords

psicanálise; tempo; inconsciente; atemporalidade; Freud; Lacan.
psychoanalysis; time; unconscious; timelessness; Freud; Lacan.

O tempo sempre foi um tema de difícil apreensão para todos os campos do saber. A filosofia e diversas áreas da ciência tentam há séculos estudá-lo e definir suas leis de funcionamento. Contudo, ele sempre se mostra fugaz a uma definição completa e sistematizada, portando em si algo que não pode ser totalmente compreendido.

Santo Agostinho retrata em uma emblemática frase a dificuldade em conceituar o tempo: “O que é o tempo? Se ninguém me perguntar, eu sei; mas se o quiser explicar a quem me pergunta, já não sei” (AGOSTINHO, 1984, p. 304). A impossibilidade de dizer do tempo também se refere ao fato de que definir um conceito seria explicar justamente o que se mantém imutável, em outras palavras, o que é indiferente ao tempo. Caímos, portanto, em um paradoxo: como delimitar o que não muda em relação ao tempo, ideia que remete justamente a algo que se insere em um fluxo? Ao tentarmos definir o que o tempo é, podemos recusar justamente o que tentamos esclarecer (GONDAR, 1995b).

A psicanálise também se propôs a participar desta discussão, buscando contribuir com o desenvolvimento do estatuto da temporalidade. Mesmo assim, o tema do tempo não ocupou uma posição de destaque nas elucubrações psicanalíticas quanto outros conceitos. Freud, por exemplo, não dedicou em sua vasta produção um texto específico ao tema. Não obstante, podemos sumarizar na obra de Freud e de Lacan importantes contribuições para o estudo do tempo em uma vertente clínica, isto é, considerando o sujeito em função dos modos temporais.

Em relação à temporalidade, Freud e Lacan não se opõem. Contudo, Lacan desenvolve sua própria abordagem do tempo com o tempo lógico. Para Miller (2010), ele retoma e prolonga a relação de Freud com a temporalidade. Pensamos nesse sentido também a estrutura do inconsciente como hiância, caracterizado por uma pulsação temporal. Para Lacan, “ali, alguma outra coisa quer se realizar – algo que aparece como intencional, certamente, mas de uma estranha temporalidade. O que se produz nessa hiância, no sentido pleno do termo produzir-se, se apresenta como um achado” (LACAN, 1964/1985, p. 30).

Este trabalho tem como objetivo, com base em uma revisão de literatura narrativa, abordar uma importante contribuição freudiana em relação à temporalidade: a atemporalidade do inconsciente. Para isto, tratar-se-á brevemente de como a psicanálise e outras

áreas do conhecimento veem a questão do tempo, abordando a dificuldade de significantizar este tema. Após isto, será discutida a evolução do conceito do inconsciente atemporal no decorrer da obra de Freud. Por fim, serão expostas as contribuições lacanianas e de outros psicanalistas sobre este tópico.

Horror temporis

Na maior parte das vezes que Freud trata da questão do tempo em sua obra, aproximou-se dela pela via da negatividade (GONDAR, 1995a). A atemporalidade do inconsciente é sua contribuição no campo da temporalidade mais difundida entre os praticantes da psicanálise. Essa posição freudiana não se modifica durante seus escritos, ele a sustenta por toda sua vida, isto é, o inconsciente permanece até o fim com esse estatuto de trabalhador incansável que não conhece o tempo.

Guéguen (2010) defende que, se Freud esteve tão firme nessa posição, é porque a atemporalidade do inconsciente era para ele um pilar essencial para a psicanálise, tanto para diferenciá-la das psicoterapias quanto para auxiliar a forma em que a psicanálise aborda o ser falante. Assim, tratar que o tempo não se inscreve no inconsciente não significa que ele não seja importante para a psicanálise, e sim dotá-lo de um valor ainda maior, pois o inconsciente coloca o tempo como um objeto sob uma grande força de recalque.

Não houve de Freud uma sistematização ou definição das modalidades temporais, mas isso não nos impede de afirmar que ele trabalhou no decorrer dos anos a questão do tempo. Gondar (1995a) salienta que em Freud, não podemos dizer de só uma forma de entender o tempo: a autora destaca da obra freudiana diversas modalidades temporais, que em alguns momentos se mostram muito diferentes umas das outras. O pai da psicanálise se utiliza de diferentes recursos para pensar o tempo atrelado a importantes conceitos metapsicológicos, como o inconsciente, a consciência e a pulsão de morte.

Mesmo não havendo propriamente algo em comum nas formulações freudianas sobre o tempo, Gondar (1995a) destaca a imagem da inquietude presente nelas. Há nos escritos sobre o tempo, bem como na base da teoria psicanalítica, uma constante

disjunção temporal. Não se consegue fechar um sistema teórico, algo que englobe um todo, totalmente fechado.

Consideremos, então, a seguinte questão: haveria na metapsicologia freudiana algo original a respeito da abordagem do tempo ou são apenas contribuições advindas de outros campos de saber, como a filosofia ou a física? Não é do escopo psicanalítico investigar a natureza do tempo, seja ela em termos metafísicos ou “científicos”. O tempo se torna um objeto de estudo para a psicanálise quando o sujeito do inconsciente está envolvido.

Entretanto, isso não significa que Freud opera com um tempo subjetivo. O tempo para ele se postula a partir de uma outra perspectiva. Ao contrário da fenomenologia, que tem como foco a maneira como o sujeito vivencia seu tempo e tem consciência dele, Freud privilegia apontar como o sujeito se constitui a partir de movimentos temporais, de um antes e de um depois (GONDAR, 1995b).

Para Gondar (1995a), a psicanálise freudiana não se aproxima da noção de tempo vivido, pois para a fenomenologia, a consciência e o psiquismo são tidos como sinônimos, enquanto para a psicanálise não. À consciência fenomenológica nada escapa, nem mesmo o tempo. Passado, presente e futuro se unem em um só fluxo no tempo vivido.

A psicanálise, por sua vez, entende que muito escapa à consciência, e o próprio aparelho psíquico desenvolvido por Freud vai contra a noção de síntese. Ele por si só já mostra como somos cindidos, uma divisão que é sempre conflituosa. Por isso, Freud não se preocupa em definir ou trabalhar a noção de tempo vivido.

Diante da investida oriunda de diversos saberes, encontramos as mais variadas interpretações sobre o tempo, incluindo aí também o campo psicanalítico. Para Le Poulichet (1995), esse não saber temporal não deve ser ignorado pela psicanálise. É mais uma forma de demonstrar como não é possível sistematizá-lo como um todo.

A tradição filosófica e científica sobre o tempo tende a espacializá-lo. Isso revela como é difícil conceituar o tempo, dizer dele por si só, como um conceito isolado. Não há uma ciência do tempo, apesar de muitas tentativas terem sido realizadas. Há a topologia, ciência do espaço bastante explorada por Lacan, mas não existe uma ciência do tempo. Temos que inseri-lo

muitas vezes em uma outra dimensão e, na maior parte das vezes, é na dimensão espacial (FERRARI; CALMON; TEIXEIRA, 2017). Para Gondar (1995a), o tempo só é representável quando atrelado à espacialidade.

Gondar (1995a) aponta a espacialização do tempo com o exemplo: “Marcamos um encontro para as três horas da tarde”. Por mais que pareça uma expressão temporal, na verdade nos referimos ao espaço que o ponteiro do relógio percorre. Isso se dá porque a cronologia do senso comum se pauta na espacialização do tempo, ou seja, o tempo pode ser entendido como a distância entre dois pontos. O mesmo se dá, por exemplo, quando dividimos o dia ou os meses do ano. Um aspecto relevante desta relação é que o caráter de irreversibilidade do tempo salientado pela psicanálise se perde. Nesta perspectiva, a distância de A a B é a mesma que de B a A. Para a psicanálise, o mesmo não pode ser afirmado.

No campo psicanalítico, a questão do espaço foi mais privilegiada. Freud, por exemplo, dedicou importantes textos para descrever as tópicas do aparelho psíquico, para localizá-lo e sistematizá-lo espacialmente (GONDAR, 1995a). Vale ressaltar que o próprio termo ‘tópica’ significa teoria dos lugares.

Miller (2000) também aponta a relação entre tempo e espaço. Para ele, ao dizer do espaço automaticamente estamos dizendo do tempo, pois o espaço se refere ao movimento. O movimento seria uma forma de unir o espaço e o tempo, como se houvesse um casamento entre eles. Assim, ao tratar de um deslocamento, tratamos de tempo. Quando situamos algum objeto em um espaço, as coordenadas cartesianas de suas posições remetem à dimensão temporal. O tempo se externaliza em posições espaciais. Esse tempo geométrico, que pode ser representado por uma linha, não é uma operação evidente à primeira vista. A espacialização do tempo é recente. Para os filósofos gregos, o tempo estava mais associado aos números. Platão, por exemplo, excluía o tempo da geometria, que para ele só funcionava com modelos imutáveis, ou seja, externos ao tempo (MILLER, 2000).

Miller (2000) faz uso da citação do Duque de La Rochefoucauld, enunciada por Lacan no Seminário 3 (LACAN, 1955-56/1985), para constatar o *horror temporis*, isto é, o horror ao tempo que existe nos campos de saber: “Não se pode olhar a morte

de frente, não mais que o Sol”. Assim como a morte, não é possível encarar o tempo de frente. Miller (2010) usa deste exemplo para demonstrar como há algo impensável, difícil ou horrível de se pensar sobre o tempo. Tratamos, assim, da dificuldade de representar e sistematizar o tempo. Como o sexo e a morte, sempre há um empecilho, um impedimento na tentativa de abarcar estas questões. O que conseguimos tratar dele é apenas o que o significante consegue abarcar do real do tempo.

O inconsciente atemporal freudiano

A sua maneira, Freud debruçou-se sobre o tempo. Como desenvolveremos aqui, Freud abordou a impossibilidade de definir o tempo ao colocá-lo como impossível de se inscrever no inconsciente. Dito de outra forma, ele estabeleceu a inviabilidade de definição do tempo na constatação de que o inconsciente é atemporal.

O prenúncio da atemporalidade do inconsciente foi indicado em *A Interpretação dos Sonhos*, ao final do sétimo capítulo. Ali, Freud anuncia, ao discutir a indestrutibilidade do desejo inconsciente: “Na verdade, um aspecto destacado dos processos inconscientes é o fato de eles serem indestrutíveis. No inconsciente, nada pode ser encerrado, nada é passado ou esquecido” (FREUD, 1900/2019, p. 159). Mais adiante, ele cita como exemplo o modo como isso pode se prenunciar na histeria por meio de um ataque histérico, em que uma humilhação que o sujeito passou trinta anos antes pode atuar da mesma maneira como uma humilhação atual. Ao ter acesso a essas fontes de afeto inconscientes, tem-se como consequência uma descarga motora tão intensa como se fosse recente.

Em *O início do tratamento* (*Idem*, 1913/2010), ao dizer que a análise exige tempo, que não pode ter uma duração pré-definida, Freud trata de possíveis fatores que fazem com que ela seja mais lenta. O autor cita a morosidade com que os processos psíquicos se modificam, se rearranjam, e a atemporalidade destes processos inconscientes.

No texto *O inconsciente*, Freud postula as mais famosas e difundidas linhas sobre o tema: “Os processos do sistema Ics são atemporais, isto é, não são ordenados temporalmente, não são alterados pela passagem do tempo, não têm relação nenhuma

com o tempo. A referência ao tempo também se acha ligada ao trabalho do sistema Cs” (FREUD, 1915a/2010, p. 93).

Em uma exposição bastante rica no curso de Miller, Guéguen (2010) retoma os momentos iniciais em que Freud menciona pela primeira vez a atemporalidade do inconsciente. Isso ocorreu em 18 de outubro de 1910, cinco anos antes da publicação de *O inconsciente* (*Ibidem*), em um dos famosos encontros de quarta-feira. Nestas reuniões semanais, Freud se reunia com outros psicanalistas para discutir e desenvolver questões do arcabouço psicanalítico.

Neste encontro estavam Tausk, Stekel, Federn, Sachs e Sabina Spielrein. A partir de um comentário de Tausk sobre como nos sonhos o elemento temporal é excluído, Freud comenta: “Fomos conduzidos a ver que o inconsciente é atemporal. O sonho não o é de todo, porque é um processo que se situa entre o inconsciente e a consciência. A dimensão do tempo está ligada aos atos de consciência (GUÉGUEN, 2010, p. 258, tradução livre).

Duas semanas mais tarde, Freud comenta com o grupo ali presente que a tese do inconsciente atemporal não é empírica. Assim como em vários princípios metapsicológicos, essa conclusão se deu a partir de deduções de constatações convergentes, como o fato que a condensação seria possível no inconsciente, a falsa orientação temporal dos sonhos, a ausência de efeitos do passar do tempo para os neuróticos, seu apego a objetos e sua tendência a ficar fixado em algum ponto específico (*Ibidem*).

Em *História de uma neurose infantil*, Freud menciona brevemente a atemporalidade do inconsciente ao fazer recomendações à atuação do analista: “Quanto à perspectiva do médico, posso apenas dizer que em casos assim ele deve se comportar de maneira tão ‘atemporal’ quanto o inconsciente mesmo, se quiser aprender e alcançar algo. E isso ele consegue, afinal, se puder renunciar a qualquer ambição terapêutica de vista curta” (FREUD, 1918[1914]/2010, p. 12).

Para melhorar o desenvolvimento de nossa argumentação, dividiremos o enunciado proferido em 1915 em três fragmentos, que, apesar de serem semelhantes, não são estritamente os mesmos: 1. os processos mentais inconscientes não são ordenados temporalmente; 2. não são alterados pela passagem do tempo; 3. não têm nenhuma relação com o tempo.

Para Gondar (1995a), partindo de uma leitura destes enunciados podemos concluir que há contradições entre as três partes. Na primeira, se não houvesse certa ordenação do material inconsciente, ele seria um caos. Ainda que mínima, alguma ordenação o inconsciente deve comportar. E sabemos pela obra freudiana que o inconsciente possui suas próprias leis, embora não seja necessariamente uma lei de ordenação linear ou cronológica.

Nesse sentido, a segunda constatação fica compreensível. Nela, percebemos que estes processos existem, mas não são alterados pelo tempo, continuam estáveis no inconsciente. Mesmo assim, questiona-se: as representações inconscientes ao se condensarem ou deslocarem não precisariam de algum tipo de tempo para realizar tais operações? (GONDAR, 1995a)

Tomando a terceira constatação: se estamos falando aqui de processos mentais, ideia que comporta um antes e depois, como dizer que aí o tempo não se aplica? Contudo, o argumento utilizado anteriormente também se encaixa aqui: se as representações se rearranjam, se modificam, como ignorar a função do tempo? (*Ibidem*) Le Poulichet (1995), considera que o terceiro enunciado é o que apresenta mais problemas e não pode ser entendido como um resumo dos dois primeiros. Para a autora, os processos inconscientes, como a projeção, o deslocamento e a transferência não têm uma consistência espacial, e sim temporal, pois são processos instauradores de passagens.

Em consonância com Gondar (1995a), a autora escreve que eles são atemporais porque não se submetem à passagem do tempo cronológico. Eles permanecem no inconsciente, ainda que sob novas formas, rearranjados. O inconsciente não conhece o passado, porque estes processos não passam, eles continuam ali, mesmo que sob uma outra forma (LE POULICHET, 1995). Para a psicanálise, o passado se reatualiza ou até mesmo se realiza no presente com base nos processos que envolvem o a posteriori. No presente, o sujeito pode resignificar, ou seja, rearranjar, elementos passados.

O conceito de *Nachträglich*, frequentemente traduzido como a posteriori ocupa um lugar central na metapsicologia freudiana, sobretudo na compreensão da constituição do trauma e da memória, tornando-se necessário também para entender o inconsciente atemporal. Segundo Freud, certos eventos vividos

precocemente podem não ter efeito traumático imediato, mas adquirem significação patogênica apenas retroativamente quando outro acontecimento posterior reativa e ressignifica a cena anterior. Esse funcionamento temporal mostra que o sentido de uma experiência não está dado no momento em que ocorre, mas depende de uma elaboração subsequente, em que o passado é reorganizado à luz do presente.

O *a posteriori* rompe com a linearidade causal clássica, introduzindo uma lógica temporal complexa na qual o sujeito é constantemente reafetado por suas experiências passadas, reatualizadas no trabalho psíquico. A articulação entre o conceito freudiano de *a posteriori* e a noção de um inconsciente atemporal revela uma das complexidades fundamentais da metapsicologia freudiana: o tempo psíquico não opera segundo a lógica cronológica linear.

Assim, Gondar (1995a) propõe pensar a atemporalidade do inconsciente não como uma atemporalidade absoluta, mas relativa. O que significa dizer que o inconsciente é atemporal somente a algumas modalidades de tempo, e não a todas. É com esse raciocínio que é possível entender a qual modo de tempo Freud trata nesse importante fragmento. E qual seria a modalidade temporal a que o autor se refere?

A resposta é dada cinco anos depois, em *Além do princípio do prazer*. Ali, Freud retoma a noção de atemporalidade do inconsciente, reconhecendo que ela deveria ser melhor desenvolvida, escrevendo:

Neste ponto me permitirei abordar brevemente uma questão que mereceria tratamento aprofundado. A tese de Kant, segundo a qual o tempo e o espaço são formas necessárias de nosso pensamento, pode hoje ser submetida a uma discussão, devido a certos conhecimentos psicanalíticos. Vimos que os processos psíquicos inconscientes são 'atemporais' em si. Isto significa, em primeiro lugar, que não são ordenados temporalmente, que neles o tempo nada muda, que a ideia de tempo não lhes pode ser aplicada. São características negativas, que apenas se fazem compreensíveis quando comparadas aos processos psíquicos conscientes. Nossa abstrata ideia de tempo parece derivar inteiramente do modo de

trabalho do sistema P-Cs, correspondendo a uma auto-percepção dele. (FREUD, 1920/2011, p. 140)

Com esse trecho, fica esclarecido que os três enunciados de 1915 se opõem ao tempo da consciência. Para Gondar (1995a), estão em jogo as duas principais concepções de tempo em Freud: a negativa, representada pela atemporalidade do inconsciente, e a positiva, que se refere ao tempo da consciência. Os problemas surgidos na análise dos três enunciados se explicam quando se entende que Freud os contrapõe ao tempo que é codificado pela consciência. Assim, podemos perceber também a partir da dimensão temporal as disjunções estruturais do aparelho psíquico: seus diferentes sistemas nunca chegam a uma complementaridade, estão sempre dizendo coisas diferentes.

Retomamos o trecho de *Além do princípio do prazer* (FREUD, 1920/2011) sobre o tema. Ali, nos diz Freud: “A tese de Kant, segundo a qual o tempo e o espaço são formas necessárias de nosso pensamento, pode hoje ser submetida a uma discussão, devido a certos conhecimentos psicanalíticos” (*Ibidem*, p. 140). O autor coloca em xeque a afirmação kantiana de que o tempo e o espaço se encontram *a priori* aos fenômenos, atribuindo-lhes um caráter universal. Se para a psicanálise o inconsciente não conhece as leis do tempo (as leis do tempo que a consciência conhece), então a proposição kantiana não se verifica, ela não é mais universal, não se mostra mais necessária. A temporalidade em Kant tem um caráter duplo: ao mesmo tempo que é uma produção do sujeito, ela também o funda enquanto tal. Vejamos o que Kant diz:

1. O tempo não é um conceito empírico que derive de uma experiência qualquer. Porque nem a simultaneidade nem a sucessão surgiriam na percepção se a representação do tempo não fosse o seu fundamento a priori. Só pressupondo-a podemos representar-nos que uma coisa existe num só e ao mesmo tempo (simultaneamente) ou em tempos diferentes (sucessivamente).

2. O tempo é uma representação necessária que constitui o fundamento de todas as intuições. Não se pode

suprimir o próprio tempo em relação aos fenômenos em geral, embora se possam perfeitamente abstrair os fenômenos do tempo. O tempo é, pois, dado a priori. Somente nele é possível toda a realidade dos fenômenos. De todos estes se pode prescindir, mas o tempo (enquanto a condição geral da sua possibilidade) não pode ser suprimido. (KANT, 2001, p. 96)

Além da crítica ao pensamento kantiano, Freud também constata que o inconsciente vai contra ao tempo de Newton, que é absoluto e uniforme (MILLER, 2000). Para Newton, o tempo é absoluto, pois sua existência não depende nem da matéria nem do espaço. A teoria da relatividade de Einstein também vem criticar esse tempo absoluto newtoniano e possibilita uma discussão mais aprofundada sobre o tempo subjetivo, a noção de tempo vivido.

Em relação ao tempo da consciência, encontramos raras e confusas referências em Freud. Gondar (1995a) hipotetiza que isso ocorre pela pouca importância que Freud atribui aos processos conscientes em comparação às questões advindas do inconsciente. Em se tratando da consciência, Freud se interessa mais em entender como a partir dela o tempo se introduz no psiquismo. Em *Nota sobre o bloco mágico* (FREUD, 1924-25/2011), Freud desenvolve a proposição de como o tempo se dá no sistema consciente:

Fiz a suposição de que inervações de investimento são enviadas e novamente recolhidas, em breves empuxos periódicos, do interior para o totalmente permeável sistema Pcp-Cs. Enquanto o sistema se acha investido dessa forma, recebe as percepções acompanhadas de consciência e transmite a excitação para os sistemas mnemônicos inconscientes; assim que o investimento é recolhido, apaga-se a consciência e cessa a operação do sistema. É como se o inconsciente, através do sistema Pcp-Cs, estendesse para o mundo exterior antenas que fossem rapidamente recolhidas após lhe haverem experimentado as excitações. Assim, as interrupções que no Bloco Mágico acontecem a partir de fora se dariam pela descontinuidade da corrente de inervação, e no lugar de uma verdadeira

suspensão do contato haveria, em minha hipótese, a periódica não excitabilidade do sistema perceptivo. Também conjecturei que esse funcionamento descontínuo do sistema Pcp-Cs estaria na origem da ideia de tempo. (FREUD, 1924-1925/2011, p. 247)

O sistema percepção-consciência na tópica freudiana é a divisão do aparelho psíquico mais próxima do mundo exterior. Não obstante, como Freud nos diz, ele opera a partir de certas condições, não é um simples receptáculo de estímulos. O tempo se dá, portanto, a partir de um modo peculiar de funcionamento (FREUD, 1924-25/2011). Esse modo peculiar de funcionamento é sua descontinuidade perceptiva.

O sistema P-Cs é abastecido libidinalmente pelo Eu, pela parte do Eu que está situada topicamente na consciência. O Eu não investe energia no Pcp-Cs o tempo todo: assim que uma excitação é classificada, a transferência de energia cessa. Com isso, o funcionamento do sistema é interrompido e a consciência se extingue. Essas excitações são enviadas ao inconsciente, que é o local onde Freud situa a função da memória. Deste modo, consciência e memória se encontram em diferentes instâncias psíquicas.

Devido a essa descontinuidade do sistema Pcp-Cs, é que a passagem de tempo no aparelho psíquico é instaurada. Nosso aparelho psíquico não é capaz de absorver todos os estímulos que chegam do mundo externo. Deste modo, o sistema Pcp-Cs tem duas camadas: uma cobertura protetora que reduz a força dos estímulos e por detrás dela o sistema Pcp-Cs em si (GONDAR, 1995a).

No âmbito da consciência, há uma forma abstrata do tempo, uma representação que é extraída do movimento descontínuo do sistema percepção-consciência. Portanto, para Freud, tratar do tempo não se refere ao tempo vivido, subjetivo. O tempo da consciência é um tempo abstrato, que tenta reproduzir um tempo cronológico com base em pontos descontínuos (*Ibidem*).

Miller (2000) considera o que Freud aborda n' *A Interpretação dos sonhos* (FREUD, 1900/2019), isto é, que o desejo inconsciente é indestrutível e, por consequência, que o inconsciente está sempre em atividade e, juntamente com as linhas do texto *O inconsciente* (*Idem*, 1915a/2010), defende que Freud tenta dar o

estatuto de um ser real, de um objeto inalterável. Em relação ao tempo, nada ali é esquecido, as representações estarão ali eternamente. Surge o questionamento: se nada nele é modificado, o que justificaria a existência de uma análise? Argumentaríamos, primeiramente, que, se o inconsciente é imutável, poderíamos a princípio modificar a relação da pessoa com seu inconsciente. Nesta perspectiva, ao considerarmos o caráter atemporal do inconsciente, podemos pensar nele como sujeito suposto saber, como produto da sessão analítica.

Articulações lacanianas sobre o inconsciente atemporal

Lacan no *Seminário 1* (LACAN, 1953-54/1983) comenta sobre este fundamento metapsicológico, a partir de uma leitura de Hegel, que trabalha a noção de que o conceito é o tempo da coisa. Tal afirmação indica que o conceito não é uma forma pronta ou anterior à realidade, mas algo que se realiza no tempo, como expressão do movimento próprio da coisa. Em outras palavras, o conceito não captura imediatamente a essência do objeto, mas amadurece a partir do desenrolar de sua existência e transformação. Esse entendimento dialético rompe com a ideia de uma separação rígida entre pensamento e realidade, pois o conceito é aquilo que se dá na medida em que a coisa mesma se desenvolve em sua completude (HEGEL, 2010).

Nesse sentido, para Lacan, o conceito adquire certa estabilidade “fora do tempo” mesmo diante da pluralidade da experiência. Lacan aponta o caráter paradoxal do estatuto do inconsciente atemporal, indicando a variedade das modalidades temporais que pode ser extraída desta constatação.

Encontramo-nos aqui no coração do problema do que Freud avança quando diz que o inconsciente se coloca fora do tempo. É e não é verdade. Ele se coloca fora do tempo exatamente como o conceito, porque é o tempo de si mesmo, o tempo puro da coisa, e pode como tal reproduzir a coisa numa certa modulação, de que qualquer coisa pode ser o suporte material. Não se trata de outra coisa no automatismo de repetição. [...] Se efetivamente o conceito é o tempo, devemos analisar a

palavra por andares, procurar os múltiplos sentidos dela entre as linhas. (LACAN, 1953-54/1983, p. 276)

Nesta complexa relação, com base na atemporalidade do inconsciente, suas manifestações podem ser trabalhadas em análise. No entanto, surgem em seu próprio tempo, pela sua pulsação temporal. Esse aspecto do funcionamento do inconsciente foi trabalhado por Lacan no *Seminário 11, Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Neste seminário, Lacan avança na construção do inconsciente estruturado como linguagem, aproximando o conceito de inconsciente com o conceito de pulsão, sendo agora entendido como uma hiância que vacila. A noção de hiância se torna inerente ao funcionamento do inconsciente. Nestas pulsações, algo se mostra, alguma manifestação escapa. “O inconsciente, primeiro, se manifesta para nós como algo que fica em espera na área, eu diria algo de não nascido. Que o recalque derrame ali alguma coisa, isto não é de se estranhar” (LACAN, 1964/1985, p. 30).

Nessas irrupções, algo tropeça. Traz consigo uma certa intencionalidade e, paradoxalmente, uma surpresa, com uma temporalidade que pode ser considerada infamiliar. As manifestações do inconsciente aparecem de forma descontínua e não cronológica, em pulsações, em algo que vacila em um corte do sujeito. O que ocorre neste nível é tão complexo que para Freud, a partir desta constatação, o que acontece no consciente perde seu privilégio.

Ao dizer do corte do sujeito, cabe mencionar o tempo lógico lacaniano (*Idem*, 1945/1998), que introduz uma concepção de temporalidade que também rompe com a cronologia linear, propondo uma estrutura lógica do tempo subjetivo articulada em três momentos: o instante de ver, o tempo de compreender e o momento de concluir. Esse modelo demonstra que a constituição do sujeito e de suas decisões não depende da sucessão linear dos acontecimentos, e sim de uma lógica de antecipação e retroação.

Essa estrutura temporal não contradiz a atemporalidade do inconsciente, mas a sustenta em outro registro. O inconsciente é atemporal porque suas formações não obedecem à sucessão linear do tempo. No entanto, no tempo lógico, sua emergência na cadeia significativa é regulada por escansões – há um momento em que o

sujeito pode “ver” algo do inconsciente, um tempo necessário para “compreender” e outro em que se “conclui” algo sobre si. Assim, a lógica temporal lacaniana não situa o inconsciente no tempo cronológico, mas mostra como ele se articula à experiência subjetiva por meio de operações discursivas e lógicas que se desdobram num tempo próprio, marcado por descontinuidades e cortes.

Ao levar em consideração as características das manifestações que surgem no hiato dessa fenda do inconsciente, Lacan reafirma o estatuto ético do inconsciente, que diz da ética do desejo. Aqui ele reforça a questão do desejo na psicanálise, reiterando que este desejo, apesar de importante, é sempre limitado (LACAN, 1964/1985).

A função do tempo é articulada com a hiância, isto é, o inconsciente funciona por uma pulsação temporal. Quando algo se esgueira – um lapso, um ato falho – se produz a surpresa, o estranhamento e um efeito de verdade para o sujeito em análise. Isto faz com que a função significante seja inserida, fazendo com que o sujeito fale em análise sobre isto que apareceu subitamente e lhe trouxe tanto espanto.

A nassa foi a figura escolhida por Lacan para ilustrar a pulsação temporal do inconsciente. Ela é um objeto utilizado na pesca, uma espécie de cesto feito de vime, oblongo e afunilado, que se entreabre para capturar o peixe. O orifício da nassa representaria a abertura temporal hiante do inconsciente, que se abre e fecha no fundo. A nassa se destoa da figura do alforje, que para Lacan seria pensar o inconsciente como um reservatório de imagens, um sistema fechado, em que o acesso a seu interior só seria possível por fora. Como o inconsciente não é um conjunto fechado, como uma sacola cujo conteúdo podemos encontrar a essência ou a substância, ele funciona a partir da pulsação de bordas, que são claudicantes em sua abertura (*Ibidem*).

O material que se encontra no inconsciente está em uma outra cena e em um outro tempo, aproximando-se da atemporalidade do inconsciente. O inconsciente, portanto, se apresenta por meio de aberturas e fechamentos, de forma evanescente, a seu próprio tempo, é uma borda claudicante, uma pulsação que traz a experiência de escansão. Ele aparece nas falhas do discurso, descontínuo. Esse aspecto descontínuo choca com a necessidade do saber médico de ter tudo ordenado e sistematizado temporalmente.

No *Seminário 20*, Lacan utiliza um jogo de palavras na língua francesa, em que discurso corrente (*discours courant*) se torna disco-corrente (*discourcourant*). Neste trecho, ele compara os discursos a um disco, que não cessa de rodar e que se coloca fora de campo, em um outro espaço. “É também o que se exprime no que chamei há pouco o discurso corrente. Escrevam assim: disco-corrente, discorrente, disco também fora de campo, fora do jogo de qualquer discurso, apenas disco por tanto – ele gira, ele corre, ele gira muito exatamente para nada” (LACAN, 1972-73/1985, p.46).

Miller (2010) se apropria desta metáfora do disco para dizer da relação do inconsciente atemporal: o disco, além de se situar fora do espaço, se situa também fora do tempo. Tudo ali está nele escrito, e está sempre girando, tocando o que nele é contido. Ao se tratar da sessão analítica, é como se a cada fim de sessão o disco parasse de tocar e na próxima voltasse a funcionar normalmente. Assim, o inconsciente é regido pela repetição, onde as representações estão sempre se reproduzindo, se reiterando. Na concepção do autor, é muito difícil para nós subjetivar algo que está fora do tempo, e é por isso que temos como ferramenta a sessão analítica.

Nesta acepção, o inconsciente pode ser compreendido como um conjunto de elementos destemporalizados: frases, imagens, sons, situações, diversos elementos que são condicionados da vida do sujeito. Estes elementos irrompem inadvertidamente sob a forma das formações do inconsciente. A sessão analítica comporta esta dupla dimensão, de colocar o sujeito em contato com esses elementos destemporalizados, mas ao mesmo tempo de permitir uma operação de “retemporalização”, porque é nesse contexto que o disco é escutado com atenção (MILLER, 2010).

É na temporalidade instaurada pela experiência analítica que é possível ter acesso a essa atemporalidade. Mesmo considerando o argumento de que Freud buscou oferecer um status de eterno ao inconsciente, percebemos, em consonância com Gondar (1995a) e com Le Poulichet (1995), que ele não o é. Primeiramente, porque ele é único a cada sujeito, e que, a partir do *nachträglich*, ele é passível de rearranjos, ou seja, o inconsciente se atualiza pelas ações e elaborações do sujeito (*Idem*, 2000).

Ferrari et al. (2017) leem a atemporalidade freudiana do inconsciente como uma temporalidade que funciona de maneira circular, que se repete indefinidamente e se refere à satisfação

libidinal que busca sempre se satisfazer e não se condiciona ao mundo externo, que opera sob a égide do tempo linear.

Os autores tomam como exemplo o filme *Uma odisseia no espaço* (KUBRICK, 1968), dirigido por Stanley Kubrick em 1968. Nas cenas iniciais, notamos como os símios funcionam a partir de uma temporalidade circular. Todo dia ao amanhecer, o grupo realiza as mesmas operações, agem da mesma forma. Em comparação à atemporalidade, ali tampouco há presente, passado ou futuro. A situação muda quando um dos símios toma um fêmur como instrumento de luta. Com esse ato, produz-se um significante com o fêmur, dirigindo-se ao Outro, e também assim, fundando uma nova temporalidade. A partir daí, uma nova temporalidade, dessa vez linear, é instaurada. Assim, os autores propõem a existência de três temporalidades em análise, a (a)temporalidade circular do inconsciente e duas temporalidades lineares, uma primeira que vai do passado em direção ao futuro – o tempo cronológico – e uma segunda, que vai do futuro em direção ao passado – a temporalidade que diz respeito às operações de retroação.

Pensar a temporalidade pulsional conduzirá, portanto, a combinar dois modos temporais distintos – um circular e um irreversível num único e mesmo tempo. Para Gondar (1995a), o tempo reversível seria o que considera uma simetria entre o antes e o depois, isto é, considera tanto a dimensão progressiva ou regressiva. O tempo irreversível é assimétrico, considera apenas a configuração inicial dos fenômenos. Assim, a irreversibilidade do tempo diz também, por exemplo, dos rearranjos das representações inconscientes: quando um rearranjo ocorre, ele não pode ser desfeito. Quando um novo ocorrer, ele também não poderá ser desfeito. Isso nos sugere a imagem de um tempo pulsional em espiral, onde a repetição não conduz a uma mesmidade, e o recomeço se faz sempre por um novo momento.

Considerações finais

A partir de sua negatividade e de sua impossibilidade de inscrição no inconsciente, chegamos à constatação freudiana: o inconsciente é atemporal. A sua própria maneira, o inconsciente desconhece o tempo. Freud trata o tempo primordialmente no contexto em que ele se relaciona com o surgimento do sujeito, com a sua fundação enquanto desejante.

A atemporalidade do inconsciente não é tão absoluta como a primeira leitura de Freud aparenta. Este tempo que para Gondar (1995b) é um tempo real, de produção de sentidos, encontra conexão quando pensado junto ao tempo abstrato produzido na consciência. Percebemos que o inconsciente, na verdade, funciona sob uma modalidade temporal própria, que se relaciona intrinsecamente com o *a posteriori*.

Na própria produção freudiana, podemos ver os efeitos do tempo na relação com o inconsciente, como nos sujeitos histéricos, que sofrem de reminiscências, nos fóbicos, que lidam com o tempo ao evitar o confronto com os representantes da representação fóbica que lhe causam angústia, e com os obsessivos, que sempre pensam no momento do encontro com o objeto (MILLER, 2010).

O que extraímos dos ensinamentos freudianos sobre o tempo é que cada instância do aparelho psíquico funciona de modo temporal distinto. Mesmo tendo sua base diferente, não havendo complementaridade entre elas, cada uma faz referência a outra, a atemporalidade do inconsciente só faz sentido se pensarmos no modo como o tempo se dá na consciência.

Referências

- AGOSTINHO, S.** *Confissões*. Livraria Apostolado da Imprensa, 1984.
- FERRARI, I.; CALMON, A.; TEIXEIRA, A.** Semiologia da temporalidade e espacialidade. In.: A. TEIXEIRA, H. CALDAS, *Psicopatologia lacaniana I: semiologia*. Autêntica, 2017.
- FREUD, S.** (1900). A interpretação dos sonhos. In.: *Obras completas, volume 4*. Companhia da Letras, 2019.
- _____, **S.** (1913). O início do tratamento. In.: *Obras completas, volume 10. Observações Psicanalíticas sobre um caso de paranoia, relatado em autobiografia ("O caso Schreber")*, *Artigos sobre a técnica e outros textos. (1911-1913)*. Companhia das Letras, 2010.
- _____, **S.** (1915a). O inconsciente. In.: *Obras completas Volume 12: Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. Companhia das Letras, 2010.
- _____, **S.** (1915b). Considerações atuais sobre a guerra e a morte. In.: *Obras Completas, Volume 12: Introdução ao Narcisismo, Ensaios de Metapsicologia e outros textos (pp. 156-187)*. Companhia das Letras, 2015.
- _____, **S.** (1918[1914]). História de uma neurose infantil. In.: *Obras completas, Volume 14: ("O homem dos lobos"), Além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)*. Companhia das Letras, 2010.

- _____, S. (1920) Além do princípio do prazer. In.: *Obras completas, Volume 14: ("O homem dos lobos"), Além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)*. Companhia das Letras, 2011.
- _____, S. (1924-25) Nota sobre o bloco mágico. In.: *Obras completas: O Eu e o Id "autobiografia" e outros textos (1923-1925)*. Cia das Letras, 2011.
- GONDAR, J.** *Os tempos de Freud*. Revinter. (1995a).
- _____, J. A multiplicidade de tempos na metapsicologia. In.: C. S. KATZ, *Temporalidade e psicanálise*. Vozes. (1995b).
- GUÉGUEN, P. G.** El tiempo de Freud y el de Lacan. In.: J.-A. MILLER, *Los usos del lapso*. Paidós, 2010.
- HEGEL, G. W. F.** (2010). *Fenomenologia do espírito* (tradução de Paulo Menezes). Vozes.
- KANT, I.** *Crítica da razão pura*. Calouste Gulbenkian, 2001.
- KUBRICK, S.** (Produtor & Diretor). 2001: *Uma Odisseia no Espaço*. Los Angeles, EUA: Metro-Goldwyn-Mayer Studios (MGM). (1968).
- LACAN, J.** (1945). O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada. In.: *Escritos*. Zahar, 1998.
- _____, J. (1953-54). O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud. Jorge Zahar, 1983.
- _____, J. (1964). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Jorge Zahar, 1985.
- _____, J. (1972-73). *O Seminário, livro 20: mais, ainda*. Jorge Zahar, 1985.
- _____, J. (1955-56). *O seminário, livro 3: as psicoses*. Jorge Zahar, 1985.
- MILLER, J. A.** *A erótica do tempo*. Escola Brasileira de Psicanálise, 2000.
- _____, J. A. *Los usos del lapso*. Paidós, 2010.
- POULICHET, S.**, *O tempo na psicanálise*. Jorge Zahar, 1995.